

# LEMBRANÇA DE EMIGRAÇÃO E REALIDADE DE IMIGRAÇÃO: O FENÔMENO MIGRATÓRIO NA ESPANHA E A RECENTE CHEGADA DOS BRASILEIROS

*Leonardo Cavalcanti<sup>1</sup>*

“Se trata del argumento de que si el pensar es serio es porque éste es un acto social y de que uno es por ello responsable como de cualquier otro acto social. Acaso más incluso, pues es, a la larga, el acto social de mayores consecuencias.” (Clifford Geertz).

**Resumo:** Baseado no trabalho de campo antropológico sobre os imigrantes brasileiros radicados na cidade de Barcelona, o presente texto trata de compreender e explicar as linhas gerais que demarcam o fenômeno da imigração no cotidiano espanhol, em que a sociedade assistiu nos últimos anos à lenta e inexorável chegada dos, chamados, imigrantes extracomunitários. Com base na análise de alguns aspectos do coletivo brasileiro, é possível visualizar com mais profundidade e crítica a forma como a imigração na Espanha foi re-significada nas últimas décadas, bem como matizar com mais argúcia as diferentes interfaces do mencionado fenômeno.

**Palavras-chave:** migração; Espanha; imigrantes brasileiros

A partir da metade da década de 1980, a imigração extracomunitária vem se constituindo como uma nova categoria social na Espanha. Qualquer cidadão das mais diversas províncias, pode facilmente perceber por meio do discurso político, da mídia, da academia<sup>2</sup> e da opinião pública em geral, a idéia de que, nos últimos anos, consolidou-se com caráter aparentemente definitivo a designação da Espanha como um país de imigrantes.

---

<sup>1</sup> Leonardo Cavalcanti é doutorando pela Universidade de Salamanca – Espanha. E-mail: leonardocsilva7@hotmail.com

<sup>2</sup> Segundo os dados da base TESEO (<http://www.mcu.es/TESEO>, último acesso: 07 de outubro de 2002), registram-se 155 teses doutorais realizadas em universidades espanholas sobre temáticas relacionadas à dinâmica migratória. Nesse novo interesse da academia na Espanha, encontram-se implicadas disciplinas como a antropologia, a sociologia, a geografia, a psicologia, a pedagogia, a lingüística, a história, a demografia etc.

Essa caracterização é muito recente e podemos situá-la historicamente, a efeitos de estabelecer um marco cronológico, em torno de dois acontecimentos: por um lado, o ingresso da Espanha na Comunidade Européia, em 1986; por outro, sua posterior adesão ao acordo *Schengen*, em 1991, assinado para regular a livre circulação de pessoas na União Européia. Esses fatos impulsionaram a economia espanhola, promovendo um fluxo cada vez maior de imigrantes procedentes de diversas regiões do mundo. Posteriormente, será na década de 1990 quando uma afluência maior e mais crescente de imigrantes originários fundamentalmente da África, da América Latina e da chamada Europa do Leste consolidam a imagem desse país como receptor de estrangeiros extracomunitários, conforme nos dizem Colectivo Ioé (1999) e Cachón (2002).

Paradoxalmente e coincidindo com essa nova realidade na Espanha, segundo García Castaño e Muriel Lopes (2002), existem dois espanhóis emigrados vivendo no exterior, por cada imigrante. Isso não significa, entretanto, que se está falando de um país de “emigração” e sim de “emigrados”. Esse fluxo migratório se estancou nas últimas décadas e, inclusive, constata-se o regresso de alguns contingentes. Os espanhóis que vivem no exterior são originários das migrações européias, tanto internas como de ultramar, predominantes na segunda metade do século XIX e durante algumas décadas do século XX.

Os emigrantes que se deslocaram, tanto dentro do âmbito europeu, como além-mares, dirigiram-se de forma massiva a diferentes destinos. Segundo Criado (2001), a larga tradição da Espanha como emissor de emigrantes, esteve marcada pelo deslocamento para a América Latina (sobretudo para a Argentina, para Cuba, para o Brasil, o Uruguai e o México), a Argélia, a França<sup>3</sup>, a Bélgica, a Suíça, a Alemanha e para o Reino Unido. O volume desses contingentes chegou a ser tal que, de acordo com os dados de Kenny (1991), a saída de espanhóis para outros países europeus alcançou uma cifra que chegou perto dos 10% da população ativa. Calcula-se que entre 1959 e 1974 mais de 2,5 milhões de espanhóis, entre trabalhadores e familiares, emigraram a outras nações.

Esse processo de inversão das correntes migratórias, passando de país de emigração à posição de sociedade de imigração, de acordo com Izquierdo (1996), reflete um desenvolvimento no plano político, social e econômico, suficiente para atrair populações que experimentam realidades bem distintas em suas sociedades de origem. Isso coloca a Espanha na posição semelhante ao conjunto de países receptores de imigrantes. Esse novo caráter migratório confirma o desenvolvimento alcançado por essa nação, que lhe permitiu equiparar-se ao resto dos países europeus, dado que:

(...) al afirmarse esta transubstanciación de España, esta transformación de un país de emigración a un país de inmigración, se está afirmando

<sup>3</sup> Uma dessas correntes era motivada pela colheita de frutas, que continuou até datas recentes, que atraía até o sul da França milhares de agricultores espanhóis que realizavam trabalhos por empreitada.

ostentatoriamente la transmutación definitiva, absoluta e irreversible de una sociedad tradicional, arcaica y anacrónica, que estaba orientada al pasado, y que era expulsora de población, a una sociedad moderna, europea y que ocupa una posición internacional central. Una sociedad que es 'la séptima potencia' del orbe, y que, por tanto, es atractora y atractiva. En este tropo, estamos, pues, no sólo ni principalmente ante un nuevo fenómeno demográfico, sino también ante la representación de una nueva, y europea, España. (SANTAMARÍA, 2002, p. 118).

Essa mudança na realidade migratória na Espanha é contemporânea àquelas experimentadas em outros países como, por exemplo, o caso brasileiro<sup>4</sup>, e se deve, em parte, ao fato de que nas décadas de 1970, 1980 e 1990, o mundo contemplou grandes transformações econômicas, sociais, políticas, tecnológicas, ideológicas e culturais, entre outras. Segundo Garcia Canclini (1990), nesse contexto, os movimentos migratórios internacionais se inseriram como um processo intrínseco às grandes mudanças mundiais. Um fenômeno dinâmico e rápido que era capaz de fazer com que países caracterizados pela imigração se transformassem, em tão só duas ou três décadas, em países exportadores de mão-de-obra ou vice-versa, como é o caso do Brasil e da Espanha, ainda que ambos tenham trajetórias distintas.

#### I. ALGUMAS ANOTAÇÕES DE UMA RECENTE IMIGRAÇÃO

Apesar da imagem que se difunde da “massiva” presença de imigrantes na sociedade espanhola, contraditoriamente, os números ainda são modestos. Mesmo considerando os erros em que incorrem muitas das estimativas, segundo Izquierdo (1996), calcula-se que os residentes estrangeiros, entre os documentados e os sem documentação, chegam somente à casa dos 3% da população. Essas cifras demonstram que a presença dos imigrantes é tímida e relativamente pequena, sobretudo se comparada com a de outros países da União Européia<sup>5</sup>.

Com relação à composição da população imigrante, esta se caracteriza pela sua ampla diversidade, tanto quanto as procedências, os perfis socioeconômicos, os níveis educativos, assim como a disposição de seus projetos migratórios. Essa heterogeneidade se estende também, de acordo com Arango e García-Pardo (2000),

<sup>4</sup> Enquanto a Espanha começa o processo de se converter em um país de imigração, na década de 1980, o Brasil inicia o caminho inverso. Se, até os anos 60, a nação brasileira estava fortemente marcada pelo fenômeno da imigração, é a partir de oitenta que se evidencia uma modificação na dinâmica das migrações internacionais e passa, em poucos anos, de um país de imigração a estabelecer-se como um país de emigração. Isso não significa desconhecer que no Brasil continua existindo tanto uma migração interna, assim como a presença de coletivos estrangeiros específicos, como é o caso dos bolivianos em São Paulo, aprofundado no trabalho de Silva (1997).

<sup>5</sup> Segundo os dados do jornal *El país* (disponíveis em <http://www.elpais.es/temas/inmigración> último acesso: 30 de outubro de 2001), enquanto países como a Alemanha e a Bélgica têm uma proporção de vinte e quatro e vinte imigrantes para cada mil habitantes, respectivamente, na Espanha a proporção é de um imigrante a cada mil habitantes.

aos tipos de emigração, rotas e modalidades de entrada. Os imigrantes estrangeiros que chegam à península provêm, em sua grande maioria, das diversas regiões do Magreb, da América Latina, da Europa Central e do Leste, de alguns países asiáticos e da África subsahariana.

Referente à distribuição da população estrangeira no espaço geográfico espanhol, segundo os dados do Ministério del Interior (2002), constata-se uma concentração majoritária nas seguintes zonas: Madri, Barcelona, o litoral mediterrâneo e os dois arquipélagos. Cabe sublinhar que Madri e Barcelona albergam mais de 36% dos estrangeiros residentes em todo o país. Andaluzia é a seguinte comunidade quanto a essa presença, em especial, a sua região costeira, em que se destacam as províncias de Málaga e Almeria. Por outro lado, a zona do Levante é outro dos grandes focos de atração dos fluxos migratórios: Alicante, Girona, Valência, Tarragona e Múrcia aglutinam uma elevada população de diferentes procedências que participam nas atividades agrícolas. Também nos arquipélagos se concentra uma alta percentagem do total de residentes estrangeiros na Espanha, situando-se primeiramente as Ilhas Canárias e depois as Ilhas Baleares, em proporção às cifras.

No tocante à faixa etária, observa-se que mais da metade dos estrangeiros com autorização de residência tem entre vinte e cinco e quarenta e quatro anos. Por outro lado, a relação de gênero está fortemente vinculada à pertinência ao grupo nacional. Desse modo, entre os imigrantes procedentes da África, o número de homens duplica em relação ao das mulheres. O contrário sucede com os membros dos coletivos procedentes da América Latina, cuja população feminina predomina em relação à masculina.

As atividades que a maioria dos imigrantes exerce no mercado de trabalho espanhol são relegadas a um pequeno número de setores: os serviços (doméstico e técnico), a agricultura (sobretudo a intensiva nos chamados *invernaderos* e na colheita de frutas), a hotelaria, os restaurantes e bares, a construção e o pequeno comércio.

No entanto, de acordo com os dados do *Ministerio de Trabajo y Asuntos Sociales*<sup>6</sup>, na atualidade, há sinais que apontam para um aumento da presença dos imigrantes em outros setores, como a pesca, as mudanças, os pequenos transportes, as reparações em domicílio, a pintura, os serviços geriátricos e uma ainda tímida participação na atividade industrial.

De modo geral, pode-se afirmar que o trabalho levado a cabo pelos imigrantes está restringido às atividades a que a maioria dos espanhóis não aspiram desempenhar. Assim, pode-se observar que o argumento utilizado para limitar a afluência de imigrantes e a famosa expressão “*nos quitan puestos de trabajo*” partem do pressuposto de uma economia estática e fechada, de que quando alguém ascende a um posto de trabalho, este é necessariamente perdido por outra pessoa. Nesse tipo de raciocínio, não se considera que o dinamismo econômico, nesse caso, impulsionado pela imigração, pode ser um motor que repercuta numa maior ocupação profissional.

---

<sup>6</sup> Dados disponíveis em [www.mtas.gov.es](http://www.mtas.gov.es), último acesso em 20 de abril de 2003.

Qualquer generalização resulta arriscada, mas é possível dizer que na Espanha os imigrantes tendem a ocupar postos de trabalhos pouco qualificados, temporais e, na maioria dos casos, com baixa remuneração, realizados em condições precárias e sem participação ou presença sindical. Para Izquierdo (1996), está-se tratando de uma inserção profissional desfavorecida.

A chegada de novos contingentes de imigrantes extracomunitários, assim como sua maior visibilidade e o sentido de novidade que adquiriu sua presença, também despertou uma série de medidas administrativas e jurídicas, as quais se abordará a seguir.

## 2. A BUSCA PELOS CHAMADOS “PAPELES” E O AUMENTO DAS RESTRIÇÕES LEGAIS

Muitos imigrantes de diferentes coletivos entraram na Espanha por meio de alternativas que não lhes garantem a autorização para residir e trabalhar. Seja pelas famosas *pateiras*, colocando em risco sua vida na travessia do Estreito de Gilbratar; seja com visto de turista; seja por uma permanência anterior em outros países da Europa etc. São muitos os estrangeiros presentes na sociedade espanhola que se encontram sem documentação e encaixam-se entre aqueles que não têm os chamados “papeles”, que não é outra coisa senão a autorização de residência e trabalho.

Lado a lado com os esforços para obter os desejados “papeles”, existe a esperança de que, uma vez de posse deles, obtém-se, além da autorização para trabalhar, um maior reconhecimento social e a liberdade de caminhar pelas ruas sem o fantasma da detenção ou da repatriação. Entretanto, os “papeles” não têm em realidade o poder “mágico” para garantir seu reconhecimento social, tampouco asseguram o processo de integração.

Com o aumento do volume de estrangeiros presentes na sociedade espanhola, o Estado começou a implantar um conjunto de medidas legislativas e administrativas referentes aos imigrantes. As leis deveriam estar em consonância com as políticas e os interesses comunitários dada sua nova condição de país limítrofe, que, junto com a Grécia, a Itália e Portugal, se convertia na fronteira sul da União Européia.

Dessa forma, desenvolveu-se uma série de regulamentos sociojurídico-administrativos que, popularmente, é conhecida como *Ley de Extranjería*, a qual foi elaborada em 1985. Com a crescente chegada de estrangeiros não-comunitários, reformou-se a citada Lei em 1996. A falta de consenso político provocou mais debates sobre as restrições aos imigrantes e, em 1999, se aprova uma nova versão da *Ley de Extranjería* que entra em vigor em janeiro de 2000, para ser modificada em dezembro do mesmo ano e, por fim, regulamentada em 2001. Dessa maneira, é fácil perceber como a questão da imigração se converteu, sem sombra de dúvida, em uma tarefa de primeira linha do Estado espanhol, que, em menos de um ano, publicou duas leis orgânicas sobre os direitos dos estrangeiros e sua integração na Espanha.

Diversos foram os coletivos e movimentos sociais que se manifestaram contra a nova lei, chegando, inclusive, a pedir a inconstitucionalidade dessa lei, dado

que a última versão da *Ley de Extranjería* suspendeu aos imigrantes que não têm os denominados “*papeles*” o direito de reunião e manifestação, de associação, de filiação ao sindicato, de greve e à educação obrigatória aos maiores de dezoito anos. Esse aumento de restrições legais para com a figura do imigrante coloca em cheque os ideais de uma sociedade plural e tolerante, em que se fundamenta o axioma europeu, e deixa o imigrante em uma situação muito vulnerável.

### 3. QUANDO O “FENÔMENO” VIRA “PROBLEMA”

Com o considerável aumento da população estrangeira observamos que a migração na Espanha adquiriu novos sentidos. Como já foi referido anteriormente, até o final da década de 1980 o termo “imigrante” se atribuía aos migrantes internos como os andaluzes, galegos, castelhanos etc., que se dirigiam às principais cidades espanholas. Na década de 1990, esse quadro mudou de forma significativa, já que as pessoas originárias dessas regiões deixaram de ser consideradas como tais. A designação de “imigrante” por parte do discurso autóctone passou a se referir involuntariamente àqueles indivíduos oriundos de países pobres.

Desse modo, as pessoas originárias de um país extracomunitário menos desenvolvido, do ponto de vista social e econômico, e que estão buscando, na Espanha, melhores condições de vida, se constituem como uma categoria social diferenciada. Trata-se de um personagem, rural ou urbano, sobre o qual se fundam predicados que se generalizam a ponto de uniformizá-los em um único referencial, relegando, assim, o reconhecimento também existente da sua pluralidade.

A imigração não-comunitária converteu-se em um tema comum, compartilhado tanto pelos formadores de opinião pública, pelas universidades, pelos meios de comunicação de massa, pelas instâncias políticas etc., como pela conversa informal no meio popular. Da mesma forma, cada vez mais assistimos ao tratamento de temas relacionados com esse fenômeno nos mais diversos âmbitos de notícias, programas de televisão, declarações políticas, campanhas de beneficência, congressos, seminários, jornadas de sensibilização etc. que já formam parte da cotidianidade dos espanhóis, fazendo da imigração não-comunitária uma *presença aparentemente definitiva*.

De modo geral, a prática discursiva em relação ao imigrante está dotada de sentidos e ênfases que convertem o estrangeiro em uma figura que gera pânico social. Enquanto os cientistas sociais das mais diversas províncias espanholas vêm denominando de “fenômeno” a imigração não-comunitária, o discurso político, os meios de comunicação e a opinião pública em geral, a classificam como um “problema”<sup>7</sup>.

<sup>7</sup> Ao se referir à opinião pública, à mídia e ao universo político, o texto não pretende assumir uma atitude generalista, tampouco afirmar que todos os espanhóis têm atitudes xenófobas frente ao imigrante. Na Espanha também existe um debate coerente que se propõe a “*historicizar*” a imigração e reflexioná-la de modo mais dinâmico. Além do mais, existem cerca de quatro milhões de espanhóis que participam ativamente como voluntários em instituições que trabalham, entre outras coisas, diretamente com os imigrantes. Assumir uma visão generalista seria cair numa atitude preconceituosa em relação à academia e a uma significativa parcela da sociedade espanhola.

Essa identificação da imigração como um “problema” se viu refletida nas pesquisas de opinião pública<sup>8</sup>, revelando que a imigração se constitui no terceiro “problema” para a população espanhola, só ficando atrás do desemprego e do terrorismo do grupo ETA<sup>9</sup>. Assim, essa representação promove sentimentos de incômodo, insegurança ou medo com respeito aos imigrantes. A denominação de “problema” para definir o “fenômeno” da imigração, apresentando-o como uma ameaça para a estabilidade social do Estado, bem como as contínuas medidas sociojurídicas e administrativas que limitam a cidadania do imigrante e os crescentes discursos que exaltam a homogeneidade cultural como condição do ideal de convivência social, traduzem-se, para Stolcke (1996), em uma *nova retórica da exclusão na Europa*, em que:

La opinión ciudadana europea culpa cada vez más a los inmigrantes, que no tienen ‘nuestra’ moral y nuestros valores culturales, de todas las desgracias socio-económicas producto de la recesión y de los reajustes capitalistas (el desempleo, la escasez de vivienda, el incremento de la delincuencia, las deficiencias de los servicios sociales). Los que abogan por detener la inmigración, han logrado incrementar la animosidad popular hacia los inmigrantes exagerando la importancia del ‘problema’. Las alusiones a una ‘inundación de inmigrantes’ y una ‘bomba de emigración’ se utilizan para intensificar unos difusos temores de la población, distraiendo el cada vez mayor descontento social de las verdaderas causas de la recesión económica (STOLCKE, 1996, p. 2).

Na observação de Van Dijk (1997), o tratamento da mídia e parte do discurso da opinião pública sobre as minorias étnicas constituídas pelos imigrantes em diversos países da Europa estão constantemente associados à violência, aos distúrbios, ao caos urbano e às manifestações<sup>10</sup>. No entanto, as temáticas relacionadas ao êxito e às contribuições dos imigrantes no campo da cultura, da arte e da economia, assim como os aportes de suas experiências de vida e de ações não estereotipadas são constantemente desvalorizadas.

Os imigrantes vêm-se imersos nos mecanismos de vigilância e controle que alcançam de modo mais contundente àqueles rotulados como “gente de fora”. Reconhecidos e caracterizados socialmente como tais, seja pelo seu aspecto físico, pelo seu modo de falar diferente, pelos seus costumes específicos ou por qualquer outro aspecto que possa considerar-se como um sinal de pertencer a um país menos desenvolvido economicamente, os imigrantes são distinguidos como “gente diferente”. Para o antropólogo catalão Delgado (1999), as estruturas sociais e as cate-

<sup>8</sup> Dados dos *Barómetros de Opinión del Centro de Investigaciones Sociológicas, CIS*, consultada em [http://www.cis.es/bd\\_estudios.asp?tema=23](http://www.cis.es/bd_estudios.asp?tema=23), último acesso em 29 de novembro de 2002.

<sup>9</sup> O grupo ETA é uma organização separatista do País Basco que reivindica a independência de sua região, utilizando táticas terroristas.

<sup>10</sup> Como, por exemplo, as teses xenófobas que foram utilizadas na última eleição que levou recentemente ao poder o suíço Christoph Blocher, líder do partido de extrema direita da Suíça, as quais defendiam entre outras coisas, que “o mal vem de fora”.

gorias jurídicas convertem o imigrante em um “*auténtico discapacitado ou minusválido cultural*”, no sentido em que:

Estas personas a las que se aplica la marca de ‘étnico’, ‘inmigrante’ u ‘otro’ son sistemáticamente obligados a dar explicaciones, a justificar qué hacen, qué piensan, cuáles son los ritos que siguen, qué comen, cómo es su sexualidad, qué sentimientos religiosos tienen o cuál es la visión que tienen del universo, datos e informaciones que nosotros, los ‘normales’, nos negaríamos en redondo a brindarle a alguien que no formase parte de un núcleo muy reducido de afines. En cambio, el ‘otro’ étnico o cultural y el llamado ‘inmigrante’ no son destinatarios de este derecho. Ellos han de hacerse ‘comprender’, ‘tolerar’, ‘integrar’. Ellos requieren la misericordia moral de la gente con la que viven, que los antirracistas y los antropólogos demuestren hasta qué punto son ‘inofensivos’, incluso la ‘bondad natural’ que guardan detrás de sus estrambóticas y primitivas tradiciones (DELGADO, 1996, p. 8).

Dessa maneira, são freqüentes os interrogatórios a que são submetidos os imigrantes, que podem vir tanto de policiais que os surpreendam enquanto passeiam pelos espaços públicos, como de um companheiro de trabalho, de estudo ou de qualquer cidadão, seja na zona rural ou urbana. Cotidianamente questionados e vigiados, para utilizar uma metáfora foucaultiana, os imigrantes são submetidos a “una auténtica institución total, un presidio, un reformatorio, un espacio sometido a todo tipo de vigilancias panópticas constantes” (DELGADO, 1996, p. 9).

É possível afirmar que, quanto mais são percebidos aspectos que o constituam como “outro” distinguido pela sua “diferença”, mais submetido estará ao controle que o limita social e culturalmente. O seguinte discurso de um imigrante ajuda a entender melhor essa questão:

Eu sou brasileiro, mas como brasileiro é parecido mesmo com todo mundo, às vezes, tem gente que pensa que sou um africano. Um dia entrei num desses botecos para comer alguma coisa, e já era tarde, entrei e perguntei se ainda tinha alguma coisa para *picar* e em vez de o homem me responder o que tinha para comer, foi logo me dizendo que era melhor eu procurar outro lugar porque o que tinha era comida feita com carne de porco e que eu não podia comer porco. Fiquei sem acreditar, Meu Deus!!! Que ignorância, ele pensou que eu era mulçumano. É sempre assim, na rua, nas lojas, nas lanchonetes, todo mundo fica perguntando de onde eu sou, o que eu faço aqui (...), um bocado de pergunta, que às vezes enche o saco e tenho vontade de mandar todo mundo para aquele lugar (...), já o meu companheiro de *piso*, que também é brasileiro, só que é branco e parece um europeu, ninguém enche tanto o saco dele, desde que ele não abra a boca, porque quando abre a boca, com aquele espanhol misturado com sotaque de mineiro (risos) (...) todo mundo começa a fazer o mesmo interrogatório. Isso é pior de que no tempo que meu pai foi pedir ao meu avô a mão da minha mãe para casar. Acho que nem meu avô fazia tanta pergunta como esse pessoal faz aqui (Paulo, 28 anos, dois em Barcelona. Trabalho de campo, 2002)<sup>11</sup>.

<sup>11</sup> Esse relato foi extraído do trabalho de campo realizado pelo autor com o objetivo construir sua tese doutoral que tem como temática o estudo dos imigrantes brasileiros na cidade de Barcelona.

O paradoxal é que em lugares como Madri e Barcelona, considerados como “cidades globais”, para utilizar uma expressão de Sassen (1988), em que se pode confirmar que o núcleo central dessas sociedades está caracterizado justamente pela diversidade em que todos são de fato “diferentes” e “outros”, entretanto, aos imigrantes sobram os discursos que os estigmatizam e rotulam suas diferenças. Aqui se está diante de um paradoxo das sociedades complexas, em que todas as “diversidades” não são igualmente valorizadas.

Nesse contexto, no universo da sociedade espanhola, o modelo de coexistência baseado na liberdade, na igualdade e no respeito mútuo não se estende a todo o conjunto da vida social. Dessa forma, aos imigrantes e àqueles que são considerados como minorias ou diferentes, ainda se colocam obstáculos e travas, sejam jurídicas, políticas, econômicas ou sociais, privando-os de exercer de forma plena a celebração de seus direitos.

#### 4. A IMIGRAÇÃO NAS METRÓPOLES ESPANHOLAS: O CASO DE BARCELONA

Com a visível consolidação da Espanha como um país receptor de imigrantes, o fenômeno da migração também foi re-significado nas principais cidades espanholas. Segundo Santamaría (2002), Barcelona, Bilbao e Madri, que eram cidades receptoras de imigrantes internos<sup>12</sup>, provenientes, sobretudo, da Galícia, Múrcia, Andaluzia, entre outras, passaram a ser um ponto de destino para uma grande quantidade de imigrantes de procedência estrangeira.

Entre as diversas regiões espanholas, onde a imigração teve um incremento considerável, a comunidade autônoma da Catalunha tem um importante destaque. Apenas com os dados dos estrangeiros legalizados, a imigração sofreu um aumento de 22% de 2001 para 2002. Com esse acréscimo, somente a percentagem dos imigrantes com autorização de residência e trabalho já alcançou a cifra dos 5,3% da população total, some-se aqui a grande quantidade de estrangeiros que ainda não obtiveram o visto.

A maioria dos imigrantes residentes na Catalunha concentra-se na sua capital. Como já se sabe, Barcelona é uma cidade em que a arte floresce pelas suas ruas. Isso se evidencia na sua arquitetura, nos seus museus, seus espaços de expressão da arte popular, seus parques etc. A metrópole oferece um leque de possibilidades

---

<sup>12</sup> É importante considerar que na Espanha houve uma forte migração interna. A expansão das cidades espanholas se desenvolveu relativamente tarde em proporção a outras cidades européias. O desbloqueio da política econômica do general ditador Francisco Franco atraiu inúmeros trabalhadores de todas as regiões para as franjas mais industriais. No entanto, somente no intervalo dos anos 60 é que o governo espanhol colocou em marcha uma política de avanço regional, para frear a concentração de imigrantes nos três importantes focos de destino migratório: Catalunha, País Basco e a província de Madri. Apesar desses planos, Barcelona, Bilbao e Madri continuariam cultivando um forte poder de fascinação sobre os espanhóis de outras regiões ou sobre os que regressavam de outras partes da Europa. Nos anos 70, quase a metade da população espanhola se situava nas grandes cidades ou nas capitais regionais.

para pessoas de gostos e interesses variados, tanto no aspecto cultural, como no econômico. Está-se falando de uma cidade cosmopolita que, nas últimas duas décadas, impulsionou a economia espanhola com importantes avanços urbanísticos, econômicos e industriais. Um desenvolvimento que foi reconhecido pela comunidade internacional, pela sua qualidade e por seus importantes resultados sociais e econômicos alcançados.

Essas realidades sociais, culturais e econômicas formam o telão de fundo sobre o qual se solidifica o aumento considerável da população de imigrantes estrangeiros, que se configura como um fenômeno novo e crescente no mapa social da cidade. Basta “andar” pelas principais ruas de Barcelona para constatar a presença de imigrantes de diferentes origens: asiáticos, africanos, latino-americanos etc., que pouco a pouco vão criando espaços de vida comum e participando da dinâmica do cotidiano urbano. Uma variedade de restaurantes típicos de diversos países, bem como lojas, produtos, roupas e rituais de alimentação e de vestimenta representam diferentes nações e identificam Barcelona como uma cidade típica de imigrantes.

Porém, essa realidade não era a tônica cotidiana há algumas décadas. Analogicamente, Barcelona podia ser comparada a São Paulo, no sentido de que ambas as cidades eram receptoras de um importante contingente de imigrantes internos das variadas regiões de seus respectivos países. Galegos, andaluzes, castelhanos etc., formavam o universo das pessoas que eram habitualmente denominadas de imigrantes na capital catalana. O relato seguinte de uma autóctone resulta bastante ilustrativo a esse respeito:

Cuando era una niña, hoy tengo 28 años, la inmigración era muy diferente. Aquí sólo había otros españoles de Andalucía, Galicia y de otras partes de España. Cuando veíamos un negro era un hecho raro, muy raro. Me acuerdo que cuando tenía 14 años mi madre me había enviado a Londres para estudiar inglés y me quedé pasmada de ver tantos negros en la calle, pues en Barcelona ver un negro, un moro o mismo un extranjero viviendo aquí era algo raro. Hoy día, las calles están llenas de inmigrantes. En poco tiempo aquí se ha convertido en una babel, de gente de lenguas y culturas distintas. (Marta, 28 años, autóctone de Barcelona Trabajo de campo, 2002)<sup>13</sup>.

Assim sendo, todos esses processos que circunscrevem Barcelona como uma cidade que protagoniza a imigração na Espanha, converte a figura dos imigrantes em atores sociais cada vez mais presentes na capital catalana. Em meio à chegada e ao estabelecimento de pessoas procedentes das distintas regiões do planeta, recentemente essa metrópole passou a contar também com a mão-de-obra dos brasileiros, que agora se juntam aos diversos coletivos existentes nessa urbe.

<sup>13</sup> Relato extraído do trabalho de campo antropológico sobre os imigrantes brasileiros radicados na cidade de Barcelona.

## 5. OS BRASILEIROS EM BARCELONA: RETRATOS DE UMA INCIPIENTE IMIGRAÇÃO

No cotidiano das cidades espanholas, os símbolos que evocam o Brasil aparecem gravados nas ruas e calçadas. As camisetas da seleção brasileira com os nomes de alguns dos jogadores mais emblemáticos, como Rivaldo, Ronaldo, Roberto Carlos etc., estão expostas nas vitrines de quase todas as lojas de esportes. Dessa forma, camisetas, fotos e símbolos do Brasil ganham vida nas principais ruas das cidades<sup>14</sup>. Entretanto, se por um lado, os elementos que simbolizam a presença brasileira são facilmente identificáveis, por outro, não resulta uma tarefa fácil identificar os imigrantes brasileiros. Trata-se de uma imigração recente e que cresce rapidamente, ainda que não tenha sido visualizada pela mídia, academia, pelo discurso político, nem pela opinião pública em geral.

De acordo com os dados oficiais, treze mil setecentos e trinta e um brasileiros vivem na Espanha<sup>15</sup>. A essa cifra, se podem somar aqueles que têm dupla nacionalidade, os que por alguma circunstância se declararam residentes em outras zonas da Europa, os que entraram com visto de turista por outros países europeus, entre outros casos que ainda não figuram nos registros oficiais, fazem parte do coletivo. As cidades de Madri e Barcelona, bem como toda a região costeira, são os pontos de destino preferido pela maioria dos brasileiros. Com referência à data de chegada do mencionado coletivo, constata-se que o começo de um fluxo migratório importante para a Espanha se estabelece a partir da segunda metade da década de 1990 e perdura até a atualidade.

Um dos locais preferidos dos brasileiros no território espanhol é Barcelona. Muitos afirmam que essa metrópole se converte em um lugar preferido porque é “mais parecido com o Brasil: tem praia, gente de muitas cores e uma atmosfera cosmopolita”, segundo relatam os imigrantes. Os dados oficiais estimam que existem cerca de três mil brasileiros residentes na capital catalana e, em toda a província da Catalunha, a cifra alcança o número dos quatro mil quinhentos e dezoito. A esse número podemos somar os que estão registrados em outras regiões da Espanha, em outros países da União Européia e uma grande quantidade de pessoas que atualmente se encontra sem a autorização de residência e trabalho.

O grupo dos brasileiros em Barcelona é por definição heterogêneo. Isso se deve, em parte, ao fato de que a diversidade existente nesse coletivo está relacionada com a pluralidade também presente na sociedade brasileira, mesmo porque eles procedem das mais distintas regiões do Brasil, não havendo uma predominância de nenhuma cidade, estado ou zona específica<sup>16</sup>.

<sup>14</sup> A quantidade excessiva de camisetas e símbolos brasileiros nas diversas cidades espanholas se deve, também, ao fato de que nos últimos anos aumentaram os jogadores estelares procedentes do Brasil nos diversos times de futebol da Espanha.

<sup>15</sup> Dados do Ministério das Relações Exteriores (MRE) - Diretoria-Geral de Assuntos Consulares, Jurídicos e de Assistência a Brasileiros no Exterior (DCJ), Divisão de Assistência Consular (DAC).

<sup>16</sup> Essa observação contrasta com outros estudos sobre a imigração brasileira como, por exemplo, as pesquisas de Sales (1995), em Boston, e de Margolis (1994) em Nova York, em que as autoras constataram que havia uma forte presença de brasileiros procedentes da cidade de Governador Valadares.

No tocante à temática de gênero, existe uma significativa presença feminina, tanto no que se refere aos números, como pela sua liderança nas atividades sociais, culturais, econômicas e políticas. Essa incidência de gênero está relacionada com a própria mudança da emigração originária dos países latino-americanos. Se durante muito tempo se difundiu a imagem de que nas migrações a mulher quase sempre ficava no lugar de origem, enquanto o homem era o responsável pelo projeto migratório, na atualidade as migrações demonstram que se produziu uma importante mudança, mesmo porque, segundo Juliano (1998), as mulheres estão emigrando em maior proporção que os homens.

Por outro lado, no que se refere à média de idade do coletivo brasileiro, existe uma grande diversidade, ainda que haja uma maior preponderância das pessoas que se encontram na faixa de idade que corresponde à população ativa. Da mesma forma, em relação aos aspectos sociais, econômicos e culturais, a pluralidade se acentua de modo considerável.

O grupo de brasileiros radicados em Barcelona, como já se exemplificou antes, está formado, *a priori*, por uma composição heterogênea em relação ao gênero, à idade, ao grau de instrução, à ocupação profissional, à cor da pele, às origens territoriais, sociais, econômicas etc. Um grupo que se caracteriza justamente pela sua diversidade e que se “confunde” com os demais habitantes da urbe.

Como se trata de uma imigração relativamente recente, não é uma tarefa complicada encontrar os brasileiros pioneiros desse fluxo. Muitos chegaram sem conhecer ninguém e arriscaram suas economias, apostando nesse caminho. Assim, é possível observar que essa situação de chegar a uma cidade desconhecida, que fala habitualmente duas línguas diferentes<sup>17</sup> e de se situar pela primeira vez na condição de estrangeiros se converte em lugares comuns para muitos imigrantes.

Inúmeros são os brasileiros que destacam as dificuldades encontradas nos primeiros meses, sobretudo para aqueles que tinham um desconhecimento total ou parcial da língua espanhola ou que chegaram na época do inverno<sup>18</sup>. Também, muitos afirmam que nos primeiros tempos tiveram um gasto excessivo com as chamadas telefônicas ao Brasil, dado que a comunicação com as pessoas deixadas no país de origem ajudava a superar a sensação de fragilidade, insegurança e solidão que emergia em meio à coragem de emigrar.

Por outro lado, estão aqueles que chegaram à raiz das primeiras redes migratórias estabelecidas. Redes que permitem superar as dificuldades impostas pelas distâncias sociais, econômicas e culturais. Dessa forma, por intermédio de familia-

<sup>17</sup> Em Barcelona, os autóctones utilizam tanto a língua do estado espanhol, castelhano, como a língua da província da Catalunha, catalão. A maioria dos brasileiros maneja bem o castelhano e dependendo do tempo de estada e da atividade que desenvolvem, entendem o catalão, mas não falam. Outros imigrantes, filhos de catalães que emigraram ao Brasil na metade do século XX, entendiam e falavam muito bem o catalão. Para os trabalhos mais braçais não se exige, em Barcelona, o domínio da língua regional, mas para as atividades mais complexas ou que tenha contato com o público é necessário, no mínimo, entender o catalão.

<sup>18</sup> Muitos imigrantes, sobretudo os do Norte e Nordeste, são mais afetados pelas baixas temperaturas do inverno em Barcelona.

res e conhecidos, os brasileiros estão cada vez mais criando estratégias migratórias próprias que facilitam a obtenção de recursos e materiais para empreender seus projetos migratórios e que ajudam, inclusive, no desenvolvimento de uma vida cotidiana de acordo com suas aspirações.

Por se tratar de um grupo que apresenta um breve tempo histórico, os brasileiros formam um coletivo pequeno. Em conseqüência, ocupam o território na metrópole sem uma concentração específica em determinado lugar. Desse modo, pelo fato de estarem dispersos, têm a impressão de que são mais tolerados frente a outros coletivos. Assim, outros grupos de imigrantes com uma presença numérica maior, como é o caso dos equatorianos e marroquinos, ocupam os lugares de forma mais concentrada e, portanto, reivindicam com mais força uma afirmação cultural própria, sendo, conseqüentemente, mais visualizados e estigmatizados. Os brasileiros, ao contrário, estão mais dispersos, levando a cabo distintas atividades laborais e formando amplos vínculos de amizade, tanto com outros latino-americanos, como com estrangeiros em geral.

Dentro do mencionado coletivo, registra-se uma forte desigualdade econômica. Assim, enquanto existem brasileiros que chegam a dividir sua própria cama, fazendo uso da conhecida estratégia da *cama caliente*<sup>19</sup>, para poder ter os meios necessários para sobreviver, existem outros, com uma razoável conta bancária e, inclusive, quando as “coisas apertam”, recebem ajuda de algum familiar radicado no Brasil.

A própria mescla e diversidade existente na sociedade brasileira se reproduz no contexto barcelonês. Os brasileiros podem facilmente se passar por africanos, árabes, asiáticos, europeus etc., dada a profunda mestiçagem existente nesse coletivo. Essa diversidade permite uma relativa invisibilidade, que consiste em ser visto porque se visualiza, mas não pode ser reconhecido aparentemente como imigrante brasileiro.

Desse modo, os que são mais negros ou mulatos e, portanto, mais parecidos com os africanos ou árabes, respectivamente, são mais estigmatizados. Não é demais recordar que o “estigma”, como nos advertiu Goffman (1989), é um processo que se mantém a partir de duas funções sociais: o normal e o estigmatizado. Os brasileiros mais parecidos ao imaginário do fenótipo europeu afirmam que nunca tiveram dificuldades, por exemplo, com a polícia e são considerados aparentemente como “normais”. Enquanto aqueles que levam na pele o estigma de ser identificado como imigrante, afirmam que esse fato implica estar à mercê de uma percepção que o marca em um lugar socialmente diferenciado.

Dessa maneira, os imigrantes mais estigmatizados tomam consciência dessa percepção através dos olhares insistentes dos autóctones, das abordagens dos

---

<sup>19</sup> Trata-se de uma cama dividida por duas pessoas com horários invertidos. Assim, enquanto um trabalha o outro dorme e quem ocupou a cama durante o dia sai para trabalhar à noite e vice-versa. Durante a pesquisa de campo realizada em Barcelona, havia um pedreiro brasileiro que dividia a “cama caliente” com um equatoriano que trabalhava em uma casa noturna.

policiais solicitando documentação, no impedimento de entrar em determinados bares e discotecas ou com tantos outros motivos que os colocam em uma posição social de “diferente” e “outro”. Nesse sentido, o próprio Goffman (1989) faz alusão aos possíveis inconvenientes e dificuldades que circundam o contato direto quando um indivíduo pertence a uma categoria socialmente estigmatizada. Assim, quando um atributo define uma pessoa como diferente ou inferior, isso influencia e condiciona as relações com o resto dos indivíduos. O autor adverte que tanto os indivíduos considerados “normais”, como aqueles diferenciados com o “estigma” podem evitar ao máximo as inter-relações cotidianas e, inclusive, a resistência pode ser maior por parte do indivíduo estigmatizado, precisamente porque sobre ele recai uma maior exigência dos considerados como “normais”.

Em contrapartida, é possível observar que, no interior do coletivo, a experiência migratória permite relegar, ao menos de forma circunstancial e estratégica, as diferenças de origens entre os seus membros. Assim, por exemplo, quando um grupo de brasileiros se reúne para comer uma “feijoada”, é possível perceber que as “distâncias” pertinentes à formação escolar e profissional, a situação econômica de procedência, a origem regional, os rasgos fenóticos, entre outros aspectos, que no Brasil pudessem ter sido motivo para um distanciamento, pelo contrário, no país de imigração, tendem a ser minimizados diante da situação comum de ser imigrante.

No tocante ao projeto de retorno ao Brasil, cada vez mais é pensado como uma “volta a casa” transitória. Assim, as estadas no país de origem se caracterizam por serem breves e constantes, especialmente para aqueles que já adquiriram a autorização de residência e trabalho. Os relatos sobre essa experiência demonstram o paradoxo de que, se é fácil retornar ao espaço geográfico de onde um dia se partiu, não é possível reencontrar-se com o lugar imaginário ao que se sentiam pertencentes. As mudanças na sociedade de origem duplicam o estranhamento, sentido agora como uma dupla presença ou, pelo contrário, como a vivência de não ser parte de nenhuma das sociedades em questão. Portanto, a observação desse coletivo estudado permite confirmar a idéia de que o retorno, considerado desde esses aspectos, é também uma situação “impossível”.

Por outro lado, para aqueles que ainda não conseguiram obter a autorização para residir e trabalhar resta-lhes valer-se das facilidades que lhes brindam os meios de comunicação, como forma de, no dizer de Sayad (2000), *estar aqui e estar ali*. De modo geral, a própria possibilidade de retorno remete a uma circunstância de temporalidade, permitindo que os brasileiros não realizem muitos investimentos, renunciando, inclusive, às oportunidades de desfrutar de certo conforto.

#### À GUIA DE CONCLUSÃO

Para finalizar, gostaria de sustentar a idéia da impossibilidade de qualquer pretensão de concluir, no sentido estrito da palavra, uma atividade intelectual, sobretudo quando se trata de uma reflexão sobre um fenômeno tão complexo e dinâmi-

co como o das migrações internacionais atuais. É sabido, perfeitamente, que caso se passasse vinte ou trinta anos pesquisando e escrevendo sobre esse mesmo tema, ainda assim, ele não estaria definitivamente “concluído”. Daí, que se pensa que a “conclusão” de um artigo representa, sem nenhuma sombra de dúvida, um ponto de partida para outras indagações que levam a novas argumentações.

Assim sendo, foi possível observar como o fenômeno da imigração na Espanha foi re-significado nas últimas décadas. A sociedade espanhola vem sendo testemunha de que os imigrantes não-comunitários estão se constituindo como uma presença que se converte cada vez mais em uma figura social cotidiana. No entanto, na Espanha ainda não existe um tempo histórico suficiente para observar a múltipla metamorfose de uma nação de emigrantes a imigrantes. Nesse país, a dinâmica da imigração extracomunitária é muito recente, o que dificulta uma análise mais apropriada sobre esse fenômeno. Esse matiz o diferencia de outros países que possuem uma larga tradição de imigração, como é o caso dos Estados Unidos, onde quase todos os coletivos contam atualmente, com, pelo menos, segundas e terceiras gerações.

Mais difícil ainda é observar a dinâmica dos brasileiros na Espanha em geral ou na cidade de Barcelona, pois, apesar de que nos últimos anos vem crescendo consideravelmente, ainda se caracteriza por ser um coletivo que desenha um tipo de imigração relativamente incipiente e numericamente pequena. No entanto, esse fato não invalida uma pesquisa baseada num exaustivo trabalho de campo, dado que todo processo de reflexão intelectual é como tal de uma progressão interminável, como nos ensina o mito de *Sísifo*<sup>20</sup>.

A lamentável conversão do “fenômeno” da migração em um “problema” é um fato que não ocorre isoladamente na sociedade espanhola, mas, também, em diversos países caracterizados pela imigração. Observa-se, assim, como em um mundo que se diz “globalizado” e interdependente, contraditoriamente se fortalecem as “fronteiras” que impedem o ingresso das pessoas oriundas dos chamados países pobres. Esses obstáculos não funcionam com a mesma força diante de outras ordens, como, por exemplo, o capital e a mercadoria que circulam livremente, independentes de passaporte ou nacionalidade.

Além disso, é importante observar que ao largo da história os intercâmbios culturais enriqueceram o sentido humano. Assim se sucedeu com a arte, a música, a literatura, a ciência etc., que fizeram considerar seu valor além da sua origem nacional como, por exemplo, uma obra de Dalí ou de Gaudí, que hoje pertencem ao universo cultural da humanidade. Resultaria um exercício incoerente imaginar as descobertas de Einstein, os escritos de Lévi-Strauss, os clássicos gregos, os textos de Marx, as obras de Freud etc., como algo “nacionalizado”. No entanto, no contexto da migração ainda prevalece o rótulo da “nacionalidade” ou “*etnicidad*”, estando

---

<sup>20</sup> Mito grego no qual Sísifo, sendo um intelectual, é condenado a empurrar por toda a eternidade uma rocha até o cume de uma montanha, de onde a pedra voltaria a cair pelo seu próprio peso, o que implicava realizar o trabalho novamente.

os imigrantes, muitas vezes, impedidos legalmente de vivenciar a internacionalização e de atuar como protagonistas dos intercâmbios culturais.

Em suma, depois desta breve análise sobre os aspectos gerais da migração internacional no território espanhol, é importante registrar que, apesar de haver poucos avanços e inclusive alguns retrocessos no âmbito legal, no dia-a-dia, o assombro inicial da conversão da Espanha em uma sociedade de imigração pouco a pouco começa a se diluir. Tomara que o contato direto gerado pela cotidianidade das atividades urbanas ou rurais, entre os autóctones e os imigrantes, possa permitir uma relativização das “distâncias” e facilite o aniquilamento da xenofobia e do preconceito.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARANGO, J.; GARCÍA-PARDO, N. *Push and pull factors of international migration: moroccan and senegalese immigrants in spain*. La Haya: Eurostat Working Papers, 2000.
- CACHÓN, L. La formación de la ‘España inmigrante’: mercado y ciudadanía. *Revista Española de investigaciones sociológicas*, Madrid, n. 97, p. 95-126, 2002.
- CRIADO, M. J. *La línea quebrada: historias de vida de migrantes*. Madrid: Consejo Económico y Social, 2001.
- COLECTIVO IOÉ. *La inmigración extranjera en España*. Barcelona: Fundación La Caixa, 1999.
- DELGADO, M. *Ciutat i immigració*. Barcelona: Centre de Cultura Contemporània de Barcelona, 1996.
- \_\_\_\_\_. Anonimato y ciudadanía. *Revista ensayos Medellín*, p. 3-23, dic. 1999.
- GARCÍA CANCLINI, N. *Culturas híbridas: estrategias para entrar y salir de la modernidad*. México: Grijalbo, 1990.
- GARCÍA CASTAÑO, F. J.; MURIEL LÓPEZ, C. (Eds.). *III Congreso sobre la Inmigración en España*. Granada: Universidad de Granada, 2002. Vol. 3 Ponencias. Laboratorio de Estudios Interculturales.
- GOFFMAN, E. *Estigma: la identidad deteriorada*. Buenos Aires: Amorrortu, 1989.
- IZQUIERDO, A. *La inmigración inesperada: la población extranjera en España (1991-1995)*. Madrid: Editorial Trotta, 1996.
- KENNY, M. *Investigación urbana en España: visión, retrospectiva y prospección*. Madrid: Taurus, 1991.
- MARGOLIS, M. *Little Brazil: imigrantes brasileiros em Nova York*. Campinas: Papyrus, 1994.
- MINISTERIO DEL INTERIOR. *Anuario Estadístico de Extranjería*. Madrid: Ministerio del Interior, 2002.
- SALES, T. O Brasil no contexto das novas migrações internacionais. *Travessia – Revista do Migrante*, p. 05-08, jan./abr. 1995.
- SANTAMARÍA, E. *La incógnita del extraño: una aproximación a la significación sociológica de la inmigración no comunitaria*. Barcelona: Anthropos, 2002.
- SASSEN, S. *The mobility of labor and capital*. New York: Cambridge University Press, 1998.

STOLCKE, V. Talking Culture: New Boundaries, New Rhetoric of exclusion in Europe. *Currently Anthropology*, London, p. 1-24, 1996.

SAYAD, A. O retorno: elemento constitutivo da condição do imigrante. *Revista Travessia*, n. especial, jan. 2000.

SILVA, Sidney. *Costurando sonhos: trajetória de um grupo de imigrantes bolivianos em São Paulo*. São Paulo: Paulinas, 1997.

VAN DIJK, T. A. *Racismo y análisis crítico de los medios*. Buenos Aires: Paidós, 1997.

**Abstract:** *Based on an anthropological field work on the Brazilian immigrants living in Barcelona city, the present text aims to understand and explain the main elements involved in the phenomenon of the immigration, concerning the Spanish daily life where the society attended, in the last years, the slow and relentless arrival of those called extra-community immigrants. Through the analysis of some aspects of the Brazilian collective, it is possible to visualize in depth and critically, how immigration got new meanings in Spain, in the last decades, as well as consider the mentioned phenomenon in its complexity.*

**Keywords:** *migration; Spain; Brazilian immigrants*